

NARRATIVAS ANTIVACINAS EM GRUPOS DE FACEBOOK: NEGACIONISMO E PÓS-VERDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA

NARRATIVAS ANTIVACUNA EN GRUPOS DE FACEBOOK: NEGACIONISMO Y POSTVERDAD EN TIEMPOS DE PANDEMIA

ANTI-VACCINE NARRATIVES IN FACEBOOK GROUPS: DENIALISM AND POST TRUTH IN PANDEMIC TIMES



Tainá de Almeida COSTA¹
e-mail: tainaacosta@gmail.com



Eunice Almeida da SILVA²
e-mail: eunice.almeida@usp.br



Régia Cristina OLIVEIRA³
e-mail: rcolira@yahoo.com.br

Como referenciar este artigo:

COSTA, T. A.; SILVA, E. A.; OLIVEIRA, R. C. Narrativas antivacinas em grupos de Facebook: Negacionismo e pós-verdade em tempos de pandemia. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 28, n. esp. 1, e023008, 2023. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v28iesp.1.17375>



| Submetido em: 05/03/2023
| Revisões requeridas em: 22/04/2023
| Aprovado em: 11/05/2023
| Publicado em: 01/08/2023

Editora: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP – Brasil. Mestrado em Filosofia pelo Programa de Estudos Culturais.

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP – Brasil. Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). Doutorado em Educação (USP).

³ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP – Brasil. Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). Doutorado em Sociologia (USP).

RESUMO: O presente texto tem como objetivo apresentar e discutir os resultados de uma pesquisa sobre narrativas antivacinas postadas em dois grupos do Facebook. Essas postagens foram levantadas por meio de observações do ambiente digital e interpretadas com recursos metodológicos de análise de conteúdo. Buscou-se analisar as publicações a partir dos termos que socialmente as ancoram: mundo e relações virtuais; desinformação e *fake news*; pós-verdade e negacionismo. É considerado o ano de 2020, momento em que a pandemia da covid-19 teve início e, ao mesmo tempo, houve o desenvolvimento de vacinas e, com elas, movimentos de desconfiança e recusa de vacinação. Os resultados evidenciam esses aspectos, apontando diferentes motivações nas postagens para essa recusa, com destaque para questionamentos em relação aos seguintes eixos: segurança, eficácia e necessidade das vacinas; questões de ordem política e econômica.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa antivacina. Facebook. Pós-verdade. Negacionismo.

RESUMEN: *El presente texto tiene como objetivo presentar y discutir los resultados de una investigación sobre narrativas antivacunas publicadas en dos grupos de Facebook. Estos posts fueron recogidos a través de observaciones del entorno digital e interpretados con recursos metodológicos de análisis de contenido. Buscamos analizar las publicaciones a partir de los términos que las anclan socialmente: mundo virtual y relaciones; desinformación y noticias falsas; la posverdad y el negacionismo. Se considera el año 2020, cuando comenzó la pandemia de covid-19 y, al mismo tiempo, se desarrollaron vacunas y, con ellas, movimientos de desconfianza y rechazo a la vacunación. Los resultados muestran estos aspectos, señalando diferentes motivaciones en los mensajes para ese rechazo, con énfasis en cuestiones relativas a los siguientes ejes: seguridad, eficacia y necesidad de vacunas; cuestiones políticas y económicas.*

PALABRAS CLAVE: Narrativas antivacuna. Facebook. Postverdad. Negacionismo.

ABSTRACT: *This text aims to present and discuss the results of a research on anti-vaccination narratives published in two Facebook groups. These posts were collected through observations of the digital environment and interpreted with methodological resources of content analysis. We sought to analyze the posts using as reference the terms that socially anchor them: virtual world and relationships; misinformation and fake news; post-truth and denialism. It is considered the year 2020, when the covid-19 pandemic began and, at the same time, vaccines were developed and, with them, movements of distrust and refusal of vaccination. The results show these aspects, pointing out different motivations for this refusal, with emphasis on questions regarding the following axes: safety, efficacy and need for vaccines; political and economic issues.*

KEYWORDS: Anti-vaccine narrative. Facebook. Post truth. Denialism.

Introdução

São diversas as maneiras pelas quais a tecnologia digital tem permeado a vida cotidiana, em vários países, nos últimos trinta anos. Vivemos hoje uma sociedade digital (LUPTON, 2015). Nossos trabalhos e relações são ao menos parcialmente desenvolvidos e mantidos pelas mídias sociais, como Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram etc. A chamada era da Informação, do capitalismo global informacional (CASTELLS, 1999), que teve seu surgimento no último quarto do século XX, evidenciou mudanças na esfera da produção, das relações de trabalho e, com elas, mudanças na estrutura social e nas configurações de tempo e espaço das sociedades contemporâneas até chegarmos à sociedade digital (LUPTON, 2015). As progressivas mudanças “feitas pela introdução de dispositivos e plataformas, em particular, na última década” (LUPTON, 2015, p. 2), geraram grande impacto na vida social e nas interações, que também são mediadas pelas tecnologias digitais, desenvolvidas, em grande parte, nas redes sociais digitais. O espaço cibernético, avalia Le Breton (2007, p. 145), representa “um mundo em que o tempo, liberado da duração, converte-se em espaço de puras informações que não requerem mais a corporeidade humana” e requerem cada vez mais capacidade e tempo de avaliação de cada um em relação ao que é postado.

Informações e desinformações são potencializadas nesse mundo cibernético. Giordani *et al.* (2021) avaliam esse aspecto ao discorrerem sobre a disseminação da desinformação, durante a pandemia da covid-19 nas sociedades marcadas pelas interações e conexões em rede. Segundo os autores, a desinformação relacionada à pandemia tem sido denominada de infodemia (GIORDANI *et al.*, 2021) e está relacionada à disseminação em larga escala e de modo veloz de informações com conteúdo inverídico sobre a covid-19.

Essas informações orientam ações em relação à covid-19, bem como sustentam interpretações sobre o contexto pandêmico. Partimos do pressuposto teórico de que tudo que se refere ao humano é social e historicamente construído (LAROCCA; CARRARO, 2000; LE BRETON, 2007). A covid-19 evidencia mais claramente o caráter social do processo saúde doença (ADAM; HERTZLICH, 2001, p. 70), do qual fazem parte discursos e interpretações dos estados fisiológicos dados “em função dos contextos sociais nos quais se produzem”.

Importante também destacar que no caso das doenças transmissíveis, como a covid-19, estamos diante de ameaças que afetam não apenas o indivíduo contaminado, mas também a população em geral. Vacinar-se, especialmente em situações de pandemia, é uma questão de Saúde Pública, de atenção ao coletivo, sendo também necessário considerar, como destaca

Berlinguer (2004), as potencialidades e possibilidades das pessoas que vivem em semelhantes circunstâncias.

No que se refere ao enfrentamento das doenças transmissíveis, verifica-se, ao longo da história, grandes esforços por parte dos órgãos governamentais para adesão às campanhas de vacinação, ao mesmo tempo em que movimentos antivacina também se apresentam.

O presente texto parte do contexto de pandemia de covid-19, buscando apresentar e discutir resultados de pesquisa que enfocou postagens antivacina levantadas por meio de observações do ambiente digital (Facebook), interpretadas com recursos metodológicos de análise de conteúdo. Buscou-se analisar e compreender como são construídas as narrativas antivacinas que ocorrem nas postagens, nesse ambiente virtual.

Negacionismo, pós-verdade e fake news

Desde seu surgimento, a pandemia de covid-19 “criou, compreensivelmente, alarme em todo o mundo, bem como as reações usuais de negar o problema” (CAMARGO; COELI, 2020, p. 1). Caponi (2020, p. 210), também aborda esse aspecto, ressaltando o fato de que o negacionismo científico adotado já na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, por meio do seu negacionismo e “desprezo pelas universidades, pelas pesquisas científicas, pelos direitos das populações vulneráveis, pelas comunidades indígenas, LGBT, populações de rua, mulheres em situação de violência etc., agrava-se em tempos de pandemia”.

Silva (2021) também discute sobre a prática de negação do vírus por parte do governo federal, desde seu início, destacando-a como uma ação criminosa que atrapalhou estados e municípios que tentavam implementar medidas de proteção e contenção do vírus.

A difusão de narrativas negacionistas do governo federal e a desinformação que as acompanharam, pôde ser verificada na reprodução de postagens em redes da internet, como Facebook, Instagram, grupos de Whatsapp etc. A desinformação em saúde deu-se, portanto, em um contexto de integração digital. Muitas foram as *fakes news* envolvendo questões relacionadas à covid-19.

Na era das mídias sociais, notícias falsas se espalham muito rapidamente. Isso é ainda mais grave quando se trata de informações que podem causar sérios danos à vida dos indivíduos. Como destacam Giordani *et al.* (2021, p. 2862), “atualmente, a sociedade acometida pela pandemia e suas rupturas, vê-se diante dos riscos e danos reais à vida humana causados pela desinformação e pelo engano”. As chamadas *fake news* envolvem variações em seu conceito,

não havendo um consenso em relação à sua definição, destacam os autores, que apontam que “a falta de autenticidade e a finalidade assumida de enganar são traços característicos de notícias falsas” (GIORDANI *et al.*, 2001, p. 2862).

Relatório apresentado pelo Grupo de Pesquisa em Mídia Discurso e Análise de Redes Sociais (RECUERO, 2021), mostra que a desinformação presente nas mídias sociais foi um dos grandes e complexos problemas no contexto da pandemia de covid-19. Segundo análise apresentada, alguns elementos chamam a atenção: a desinformação aparece como questão político partidária e menos como uma questão de saúde pública, sendo, portanto, debatida, grande parte das vezes, como assunto político o que leva à questão, também partidária, apoiada no negacionismo.

Como destacado no relatório, grupos de extrema direita filtram “aquele conteúdo que não corrobora ideologicamente com o que circula no grupo” (RECUERO, 2021, p. 5). Esse grupo acaba fazendo circular a desinformação. Outro aspecto destacado no relatório refere-se à presença de conteúdos violentos e xenofóbicos em relação a chineses e asiáticos, culpabilizados pela transmissão do vírus. Conforme apontado na análise do relatório, “estes enquadramentos são muitas vezes utilizados para reforçar teorias da conspiração da pandemia” (RECUERO, 2021, p. 5).

Giordani *et al.* (2021) ao discorrerem sobre a desinformação nas mídias digitais na pandemia de covid-19, destacam a questão da desestabilização de setores centrais da sociedade. Como desenvolvem os autores, contemporaneamente, expandiu-se a dinâmica comunicacional ao mesmo tempo e medida em que se desestabilizou o “status das vozes autorizadas a dizer”, avaliam Giordani *et al.* (2021, p. 2866), citando a imprensa tradicional e a ciência como aparatos discursivos que se desestabilizam em tempos de “pós-verdade”. Os autores apoiam-se em Keyes (2004), que argumenta que em tempos de pós-verdade “são sublimadas as fronteiras entre verdade e mentira, ficção e não-ficção”, havendo uma ruptura com o binarismo entre certo e errado, que é substituído por avaliações mais fluidas. Como destacam Giordani *et al.* (2021), essas considerações sobre pós-verdade, de fabricação de “realidades paralelas” também podem ser pensadas para o contexto da pandemia em que são produzidas e disseminadas realidades que se legitimam no interior de bolhas de opinião que deslegitimam e negam a ciência e, com ela, a vacina.

Importante observar que a desconfiança em relação às vacinas contra a covid-19, desde o início de sua produção por diferentes laboratórios, e a negação mesmo da vacinação por parte

da população em meio a discursos⁴ negacionistas por parte do presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, pode ter reverberado na consequente diminuição da procura por vacinas disponíveis nos postos de saúde do país. Dados do Unicef, de 2022, mostram que 3 em cada dez crianças no Brasil não receberam vacinas que podem salvar suas vidas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), chamam a atenção para a queda drástica de vacinação nos últimos anos. Segundo apontam, “houve uma queda recorde no índice de vacinação infantil” (UNICEF, 2022, n.p.), a maior queda dos últimos 30 anos, segundo relatório apresentado em julho de 2022.

Em relação ao Brasil, a queda alarmante de vacinação de crianças fez com que cientistas do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) fizessem um vídeo para a população destacando a importância de estar com o calendário vacinal em dia. Segundo dados do Ministério da Saúde, apresentados por esses pesquisadores, a cobertura vacinal vem sofrendo uma queda drástica, chegando a menos de 59% do público-alvo, em 2021. Em 2019, o índice de pessoas vacinadas era de 73%. Destaca-se que o Ministério da Saúde preconiza um patamar de 95% de cobertura vacinal.

Em relação à covid-19, a queda na cobertura vacinal também é verificada entre jovens e a população adulta. Em setembro de 2022, apenas 31% da população do Rio de Janeiro com 18 anos ou mais havia tomado a quarta dose.

Importante, também, destacar a desigualdade regional como um grande desafio para o país em termos da cobertura vacinal, faltando ações coordenadas e centralizadas das autoridades desde o início da pandemia de covid-19, como destaca nota em portal da Fiocruz (FIOCRUZ, 2022).

A falta dessas ações foi também impulsionada pelo negacionismo, levando parte da população a duvidar das vacinas.

⁴ Como desenvolve Foucault (1996) os discursos são formados por coisas que são ao mesmo tempo, enunciadas e interditas, ditas e não ditas, resultado de elementos não contínuos e que resultam efeitos diferentes de acordo com quem o pronuncia, o contexto e a posição de poder de quem fala.

A negação da vacina, a recusa de se vacinar: um breve retorno na história

Em 2019, um ano antes do início da pandemia de covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou relatório destacando a hesitação à vacinação como uma das 10 ameaças para a saúde global naquele ano. O fenômeno é descrito como relutância ou recusa à vacinação, mesmo dispondo de vacinas. Vale mencionar que a vacinação é reconhecida por cientistas como uma das formas de evitar doenças com melhor custo-benefício, preservando de 2 a 3 milhões de vidas por ano (OPAS, 2019).

Naquele momento, a OMS enfatizou um aumento global de 30% no número de casos de sarampo. Nos anos que se seguiram, com o advento da pandemia de covid-19, a questão da hesitação em relação à vacinação, ganhou ainda mais destaque. Com a corrida pelo desenvolvimento, produção e distribuição de vacinas contra o novo coronavírus, rumores sobre a segurança e eficácia das vacinas ganharam força. O índice crescente de ceticismo com relação a vacinas pode não só comprometer a eficiência das vacinas contra covid-19, como também a de vacinas em geral. E, inclusive, reduzir a confiança em instituições como ciência e Estado (SMITH; CUBBON; WARDLE, 2020). Como destacam Giordani *et al.* (2021), há nesse processo de desconfiança uma deslegitimação da ciência e da imprensa tradicional pela produção de verdades paralelas ou pós-verdades.

Mais do que desconfiança ou recusa individual de se vacinar, protestos contra a vacinação estiveram presentes ao longo do tempo, tendo surgido juntamente com a vacinologia moderna, no século XVIII. Os primeiros protestos incluíam apelos emocionais dos pais contra a obrigatoriedade de vacinarem seus filhos, denúncias sobre a teoria dos germes; acusações contra profissionais de saúde e uso de estudos alternativos que atestavam que vacinas não eram eficazes. Os argumentos contra a vacinação incluem, assim, preocupação com segurança, defesa dos direitos individuais, desconfiança sobre a ciência, defesa da cura natural, promoção da reforma sanitária, descrença em teorias de contágio e motivação monetária por trás de programas de imunização (KATA, 2010).

No Brasil, os protestos contra a vacina surgem desde o século XX. Em 1904, o Rio de Janeiro, então capital do país, foi palco da Revolta da Vacina. Naquele ano, o governo publicou um plano de regulamentação da aplicação obrigatória da vacina contra varíola. O argumento consistia em que a vacinação era imprescindível para a saúde pública, considerando os inúmeros focos de varíola. No entanto, de acordo com Sevcenko (2018), os opositores à vacinação alegavam que os imunizantes e os profissionais de saúde eram pouco confiáveis. Esse contexto

gerou articulação política e mobilização por parte da população, que se recusou ao caráter compulsório da vacinação.

Oficialmente suspensa em função da Revolta da Vacina (1904), a vacinação foi retomada pela própria população, que passou a procurar espontaneamente os postos de vacinação, por medo da doença. “Era o princípio da aceitabilidade pública ao produto vacinal [...] Durante os anos 20, as vacinas contra difteria, tétano e coqueluche e a BCG foram gradualmente sendo introduzidas no país e, ao final dos anos 30, a vacina contra a febre amarela” (BUSS; TEMPORÃO; CARVALHEIRO, 2005, p. 1853).

Em 18 de setembro de 1973, sob o Governo Médice, foi criado o Programa Nacional de Imunizações (PNI), e institucionalizado por meio da Lei 6.259, de 30 de outubro de 1975 (BRASIL, 1975). Este Programa teve como principais objetivos coordenar, garantir a continuidade e ampliar a abrangência das ações de vacinação, que avançou ao consolidar a estratégia de imunização nacional e garantir a erradicação de doenças como a poliomielite. Os resultados alcançados pelo Brasil, país diverso, de dimensões continentais e com grandes desigualdades sociais, não tinham precedentes no mundo. Isso fez com que o programa se tornasse referência internacional.

O grande salto deste Programa ocorreu a partir de 1980, com a implantação dos Dias Nacionais da Vacinação, como parte de uma estratégia que levou a erradicação da poliomielite no Brasil – o último caso foi registrado em 1989 e o certificado de eliminação foi concedido pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) em 1994.

Segundo a Sociedade Brasileira de Imunizações (LA, 2021), o aperfeiçoamento da estrutura do PNI em conjunto com um plano de comunicação eficaz, marcado pela criação do personagem Zé Gotinha (1986) e pelo apoio de personalidades que faziam parte de programas televisivos infantis, caso da apresentadora Xuxa Meneghel, impulsionaram as coberturas vacinais e fizeram das imunizações parte do cotidiano brasileiro.

O êxito em um país de dimensões continentais, populoso e com regiões de difícil acesso fez do PNI uma referência internacional. Houve interesse para organizar campanhas de vacinação por parte do Timor Leste, da Palestina, Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Foram realizados treinamentos, firmaram-se acordos de cooperação técnica e doou-se vacinas a essas nações. O Brasil está em uma posição de vanguarda, considerando o investimento, a qualidade dos centros de pesquisa, dos profissionais e das plantas industriais de produção de vacinas, com capacidade de produzir imunobiológicos de altíssima tecnologia e em massa (SBIM, 2021).

No entanto, a partir de 2016 constata-se uma queda na cobertura vacinal no Brasil e em diversos países pela redução no alcance das metas preconizadas para os Índices de Coberturas Vacinais (ICV). A SBIM afirma que atualmente o desafio maior do PNI é combater a covid-19. O Brasil fabrica duas vacinas – Oxford/AstraZeneca/Fiocruz e Coronovac (Sinovac/Butantan) – e o PNI comanda o processo de vacinação ‘da melhor forma possível diante da escassez de insumos e da politização em torno do tema’(SBIM, 2021, n.p.).

No referente aos movimentos antivacina, é importante destacar sua complexidade. Como destaca Larson (2020), eles partem de motivações diferentes, individuais e coletivas, e têm relação com diferentes fatores contextuais. Larson (2020, p. 24, tradução nossa) busca resumir a questão da seguinte forma:

Os debates em torno das vacinas se tornaram entrelaçados com questões geopolíticas, assim como com campanhas políticas, religiosas e culturais, causas de celebridades e a antiga devoção à mãe natureza versus a tecnologia. Enquanto algumas pessoas são meramente hesitantes e ainda continuam a se vacinar, outras são mais extremistas nos seus ‘antisentimentos’, juntando seus sentimentos antivacina a outros sentimentos ambientais (antiquímica e antimercúrio), até anticontrole do governo, antiaborto e mesmo antimigração - conseguindo aliados muito além dos círculos de vacina.

A autora conclui que a aceitação da vacina está atrelada ao estabelecimento de laços de confiança entre a população e os cientistas, com relação às indústrias que as produzem, os profissionais de saúde que as aplicam, e as instituições que fazem a sua gestão. Esses laços são uma alavanca de aceitação muito importante para o desenvolvimento da confiança. Sem essas camadas, mesmo a mais comprovada cientificamente e bem comunicada informação pode gerar desconfiança na população.

Todavia, num contexto de negacionismo estimulado pelo próprio governo federal, os laços de confiança entre população e a ciência se enfraquecem, fazendo com que concorram com outros discursos e outras construções de verdade. No referente à pandemia, destaca Caponi (2020), o negacionismo referiu-se a intervenções sem comprovação científica como a defesa do ‘isolamento vertical’, posição contrária às orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), bem como a defesa de terapêutica sem eficácia comprovada, a cloroquina, e que apresentou efeitos colaterais sérios em indivíduos que fizeram seu uso, fazendo proliferar, especialmente nos meios digitais, diversos conteúdos e narrativas antivacina.

Narrativas antivacina

A noção de narrativa aqui utilizada, baseia-se na ideia de enquadramento (*framing*) abordada por Massarani *et al.* (2021) na discussão sobre “vacinação em tempos de *fake news*”. Como desenvolvem os autores, esse conceito de *framing*/enquadramento faz referência à noção “de um quadro (*frame*) como a ideia central que sintetiza a linha argumentativa adotada em determinado texto” (MASSARANI *et al.*, 2021, p. 10) e a produção de sentido sobre o assunto em questão, a recusa à vacinação.

Estudos nacionais (LEVI, 2013; ZORZETTO, 2018) e internacionais (KATA, 2010; POLAND; JACOBSON, 2001) se dedicaram a estudar as razões pelas quais pessoas recusam e até mesmo condenam a prática da vacinação e as narrativas relacionadas a cada uma delas.

Segundo Poland e Jacobson (2001), a origem de muitas das preocupações do movimento antivacina incluem a ideia de que os imunobiológicos são materiais ‘estranhos’ injetados no organismo de pessoas saudáveis. Ao mesmo tempo, acredita-se em um risco vago de aumento da incidência de câncer ou de doenças autoimunes a partir da administração de vacinas.

Kata (2010) também aponta argumentos em torno dos temas de segurança e eficácia, práticas de medicina alternativa, direitos e liberdades civis, teorias da conspiração, moralidade e desinformação. Afunilando a análise, a autora agrupa esses argumentos em três grandes pilares: “crença em modelos alternativos de saúde, promoção da autonomia e responsabilidade dos pais e (des)confiança com relação a vacinas” (KATA, 2010, p. 1714, tradução nossa).

Estudos brasileiros também se dedicaram a analisar as narrativas contra vacinação. Em conteúdo publicado na revista Pesquisa, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Zorzetto (2018) menciona nove razões para justificar a queda na vacinação no Brasil: percepção dos pais de que não é preciso vacinar porque as doenças não existem mais; desconhecimento de quais imunizantes fazem parte do calendário nacional de vacinação obrigatória; medo de que as vacinas causem reações prejudiciais ao corpo; receio de sobrecarga do sistema imunológico em função do alto número de imunizantes; e falta de tempo para ir aos postos de saúde, que geralmente funcionam das 8h às 17h, apenas em dias úteis.

Além das razões acima citadas, que foram originalmente apontadas pelo Ministério da Saúde do Brasil, também foram apontadas a circulação de *fake news* relacionadas à vacina; mudança no sistema de registro de vacinação do Ministério da Saúde (com problemas como falha de transmissão de dados e falta de equipamentos, o que pode impactar nas estatísticas); calendário mais complexo de vacinação que depende da orientação dos médicos (se o médico não orienta, provavelmente as famílias não acompanham o calendário) e (falta de) vínculo com

serviço público de saúde (a cobertura vacinal é maior entre os usuários da rede pública de saúde e um dos motivos apontados é o vínculo criado entre as famílias e a unidade de saúde local).

É importante destacar que entre as razões elencadas por Zorzetto (2018) há um trânsito entre motivo para não se vacinar e narrativa antivacina. São questões diferentes: enquanto a primeira pode ocorrer por falta de acessibilidade (como a questão dos horários de postos de vacinação), a segunda está relacionada a atitudes contra vacinas, sendo estas as que interessam enfocar no presente texto, com especial atenção para o contexto de negacionismo e pós-verdade em que estão situadas as postagens em dois grupos do Facebook que serão aqui discutidos.

No que se refere mais propriamente à covid-19, Smith, Cubbon e Wardle (2020), em uma pesquisa sobre postagens no Twitter, Instagram, páginas e grupos públicos de Facebook, que incluíam as palavras vacina ou vacinação em inglês, espanhol e francês, entre junho e setembro de 2020, destacaram para análise 1.200 *posts* com maior engajamento. Os resultados deste trabalho mostram que duas novas narrativas-chave ganharam força com a corrida para o desenvolvimento de uma vacina contra covid-19. A primeira delas coloca em xeque o processo de desenvolvimento, oferta e acesso a vacinas, destacando desafios de desenvolver uma vacina em tão curto espaço de tempo, preocupação com relação aos testes e como vai se dar a distribuição. A outra narrativa tem relação com motivações políticas e econômicas, em geral, destacando a relação entre figuras-chave de governos, instituições e corporações e suas relações com as vacinas e seu desenvolvimento. Organizando as narrativas em ordem de maior de volume de ocorrência nos *posts*, destacam-se as que envolvem motivação política e econômica, seguida de questionamentos com relação à segurança, eficácia e necessidade de vacinação. Um pouco mais atrás aparecem questões relacionadas ao desenvolvimento, provisão e acesso às vacinas. E num último bloco, com menos menções, estão as teorias da conspiração, *posts* relacionando obrigatoriedade das vacinas e violação da liberdade e direitos civis e, por fim, motivações relacionadas à moralidade e religião.

Considera-se neste presente texto analisar as narrativas antivacina presentes em dois grupos de Facebook brasileiros tendo como inspiração as categorias elaboradas por Smith, Cubbon e Wardle (2020), articuladas ao contexto de negacionismo e pós-verdade em que se desenvolvem.

A pesquisa realizada em dois grupos de Facebook: os passos utilizados para a localização e análise das postagens

O Facebook vem se mostrando um importante vetor para disseminar desinformação e conteúdo contra vacinação. Estudos mostram que notícias falsas geram mais engajamento que conteúdo publicado em páginas de grandes jornais no Facebook e que a plataforma está entre as que mais frequentemente disseminam informações falsas (DELMAZO; VALENTE, 2018; ZANATTA *et al.*, 2021), sendo esta a razão de escolha dessa rede social para a coleta de dados.

A coleta foi realizada em dois grupos de Facebook identificados como antivacina: “O lado obscuro das vacinas” e ‘VACINAS: O maior CRIME da história!’. Os critérios de inclusão foram o número de seguidores e estar ativo durante o ano de 2020.

Este estudo, observacional, utilizou recursos metodológicos de análise de conteúdo (BARDIN, 2016) para interpretar as narrativas postadas nos dois grupos de Facebook analisados.

Para chegar a esses dois grupos selecionados, foi feita uma procura por grupos públicos com a palavra-chave *vacina* no nome ou na descrição, usando a ferramenta de busca do próprio Facebook. Foram identificados 21 grupos com essa característica. Em seguida, foi realizada uma avaliação da descrição para identificar quais tinham posicionamento contra vacinação. O último passo foi avaliar o número de membros e a frequência de postagem. Apenas esses dois grupos tinham mais de mil membros e postagens feitas no último mês, sendo então escolhidos para análise: ‘Vacinas: O lado obscuro das vacinas’, com 13.700 membros e ‘VACINAS: O maior CRIME da história!’, com 7.970.

No momento da coleta, no ano de 2020, não foi encontrada nenhuma ferramenta que permitisse a busca por palavras-chave em grupos específicos. As ferramentas permitiam busca apenas em grupos em geral, o que geraria uma base de dados poluída. Por essa razão, os dados foram coletados manualmente, via ferramenta de busca presente no próprio Facebook. Foi analisada uma amostra de 100 *posts*, sendo 50 de cada grupo selecionado. O número de 50 postagens por ano é uma limitação imposta pelo próprio Facebook, que mostra apenas cerca de 50 resultados quando a ferramenta de buscas é utilizada nos grupos.

A escolha do ano de 2020 se deu em função do início da pandemia pelo SARS-CoV-2. Nesse período, observou-se um aumento da discussão sobre vacinas nos meios de comunicação. O que também se refletiu nas discussões dos grupos contra vacinação do Facebook.

A estratégia utilizada para a coleta de dados foi composta pelos seguintes passos: 1) Entrar no grupo e clicar na lupa de busca, que fica na barra de menu; 2) Ao clicar na ferramenta

de busca, a palavra-chave ‘vacina’ era digitada seguida pela tecla *enter*. Foi usado esse recurso porque alguns *posts* publicados nos grupos eram sobre outros assuntos. Fazendo esse filtro, foi possível delimitar com mais assertividade a amostra a ser analisada, garantindo que os *posts* fizessem algum tipo de menção a vacinas; 3) Na lateral esquerda da página foi selecionado um filtro com o ano referente aos dados a serem coletados, no campo de ‘data de publicação’. No caso deste estudo, o ano analisado foi 2020.

Para a coleta e registro dos dados (texto, imagens e vídeos), foi necessário abrir o *post*, copiar o *link* para o *post* e colar na planilha do Google onde foi feito o armazenamento dos dados coletados. Em seguida, eram incluídas as seguintes informações na planilha: data da coleta, texto do *post*, data de publicação, números de engajamento com a postagem (comentários, reações e compartilhamentos), tipo de mídia usada no *post* (imagem, vídeo, *link*), texto dos comentários, nome autor da publicação, *link* para o perfil do autor e referência específica a algum tipo de vacina. Além disso, a planilha dispunha de outras duas colunas que foram utilizadas num momento posterior da análise de conteúdo dos *posts*: narrativa-chave e observação. Para esta análise de conteúdo (BARDIN, 2016), foram percorridas as seguintes fases: pré-análise; exploração do material e tratamento de resultados; interferência e interpretação.

A primeira fase possui três “missões”: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final. Isso foi feito durante a primeira exploração dos grupos de Facebook, por meio de leitura *flutuante*, como denominado por Bardin (2016), que destaca que esse processo tem por finalidade possibilitar ao pesquisador “conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2016, p. 126).

Foram consideradas apenas publicações contendo as palavras-chave ‘vacina’ ou ‘vacinação’, sem exceção, atendendo ao que diz a regra da exaustividade (BARDIN, 2016). A amostra foi determinada pela ferramenta de busca do próprio Facebook, seguindo a regra da representatividade. Foram escolhidos *posts* encontrados no interior de grupos antivacina no Facebook, seguindo a regra da pertinência. Segundo esta regra, os documentos retidos devem ser adequados enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise. Todas essas regras fazem parte da análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

Após essa etapa, seguiu-se para a referenciação dos índices que serviram como base para a fase dois, de exploração do material. Os índices usados neste estudo seguiram a tipologia elaborada por Smith, Cubbon e Wardle (2020, p. 9, tradução nossa) que considera as seguintes

narrativas-chave antivacina: 1) desenvolvimento, provisão e acesso: *posts* relacionados ao progresso contínuo e aos desafios do desenvolvimento de vacinas. Isso também inclui *posts* relacionados com os testes (ensaios clínicos) e fornecimento de vacinas, bem como o acesso público a elas; 2) Segurança, eficácia e necessidade: postagens relacionadas à segurança e eficácia das vacinas, incluindo aquelas que consideram como as vacinas podem não ser seguras e eficazes. O conteúdo relacionado à percepção da necessidade de vacinas também se enquadra neste tópico; 3) Motivos políticos e econômicos: postagens relacionadas às motivações políticas e econômicas dos atores sociais (figuras-chave, governos, instituições, corporações etc.) envolvidos com vacinas e seu desenvolvimento; 4) Teoria da conspiração: postagens contendo teorias de conspiração inéditas ou já estabelecidas, envolvendo vacinas; 5) Liberdade e independência: postagens relacionadas a questões sobre como as vacinas podem afetar as liberdades civis e pessoais; 6) Moralidade e religião: postagens contendo questões morais e religiosas em torno das vacinas, como sua composição e a forma como são testadas.

Resultado da coleta

No conjunto de 100 postagens analisadas, foi possível identificar uma narrativa-chave que se destaca das demais: a narrativa associada à ‘segurança, eficácia e necessidade’ das vacinas que está presente na metade dos conteúdos analisados. Um grupo de quatro narrativas-chave aparece em seguida. São elas: ‘desenvolvimento, provisão e acesso’; ‘motivos políticos e econômicos’; ‘teoria da conspiração’ e ‘liberdade e independência’. A narrativa-chave que apareceu de forma mais pontual foi a relacionada à ‘moralidade e religião’, como é possível observar na Tabela 1.

Tabela 1 – Narrativas-chave presentes nos grupos de Facebook antivacina analisados neste trabalho

Narrativa-chave	Total
TOTAL	100
Desenvolvimento, provisão e acesso	10
Liberdade e independência	10
Moralidade e religião	1
Motivos políticos e econômicos	12
Segurança, eficácia e necessidade	50
Teoria da conspiração	10
Nenhuma	7

Fonte: Elaborada pelas autoras com base na planilha de registro de dados coletados (2022)

Importante ressaltar que, apesar do destaque para a vacina contra covid-19, que apareceu como a vacina mais citada, com 38 menções, o imunizante contra o coronavírus SARS-CoV-2 não foi o único mencionado. Outras vacinas também foram citadas, como influenza, tríplice viral, rotavírus e poliomielite e isso vai aparecer nos exemplos ligados a cada uma das narrativas.

No grupo de conteúdos classificados como contendo a narrativa-chave ‘segurança, eficácia e necessidade’, a maior parte dos *posts* fez referência a casos de efeitos adversos decorrentes (ou supostamente decorrentes) de vacinas. Nestas postagens, os usuários fizeram referência a reações leves, sequelas graves e até mesmo casos de morte após a administração de imunizantes, colocando em xeque a segurança e eficácia das vacinas.

Nos *posts* a seguir, é possível observar um caso de morte que, segundo a narrativa da postagem, está ligada à vacina contra influenza. Outro *post* afirma que todas as vacinas causam danos neurológicos, enfatizando casos de autismo.

Figura 1 – *Post* que utiliza a narrativa-chave ‘segurança, eficácia e necessidade’



Fonte: Grupo de Facebook ‘VACINAS: o maior CRIME da história!’, *post* 224 (2020)

Figura 2 – Post que utiliza a narrativa-chave ‘segurança, eficácia e necessidade’



Fonte: Grupo de Facebook ‘VACINAS: o maior CRIME da história!’, *post* 217 (2020)

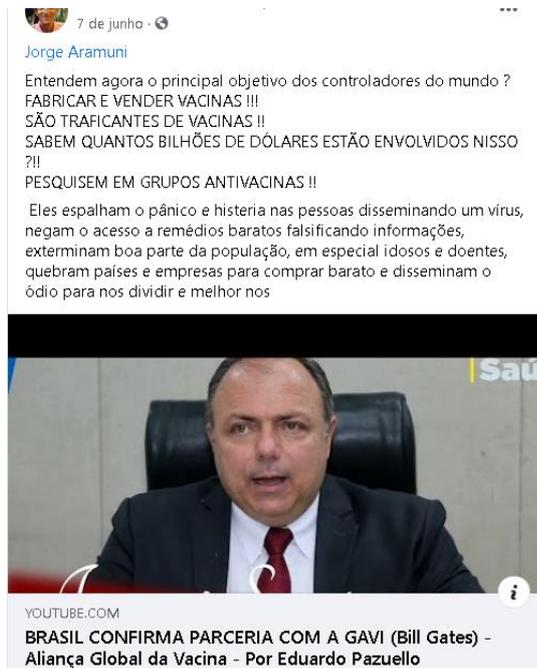
O grupo de *posts* com narrativas relacionadas a ‘motivos políticos e econômicos’, foi o segundo mais recorrente. De acordo com a definição dada por Smith, Cubbon e Wardle (2020) encontram-se nesse grupo postagens relacionadas a figuras-chave da política, governos, instituições, corporações e empresários envolvidos com vacinas e seu desenvolvimento. Nos *posts* a seguir, é possível observar o questionamento de medidas tomadas na gestão de dois Ministros da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (janeiro de 2019 a abril de 2020) e Eduardo Pazuello (maio de 2020 a março de 2021). Os questionamentos relacionam-se à produção e compra de vacinas e aos possíveis interesses econômicos aí existentes.

Figura 3 – Post que utiliza a narrativa-chave ‘motivos políticos e econômicos’



Fonte: Grupo de Facebook ‘VACINAS: o maior CRIME da história!’, *post* 225 (2020)

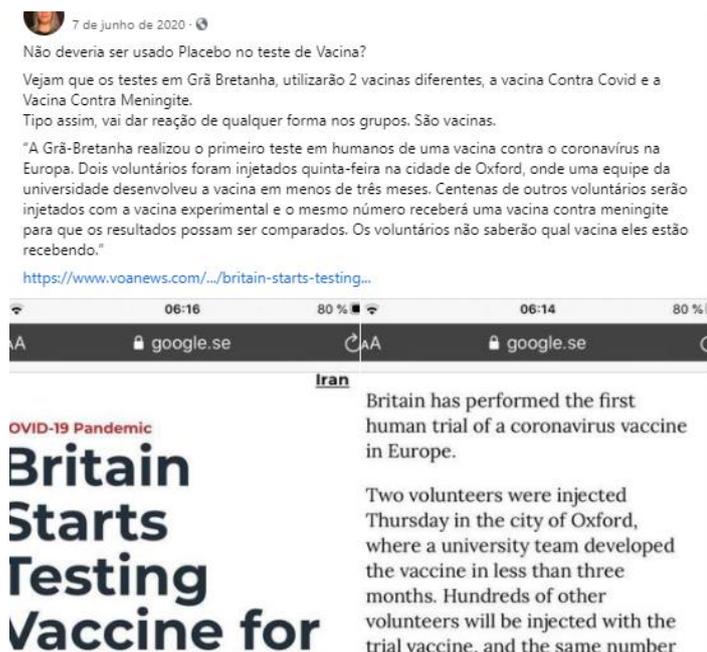
Figura 4 – Post que utiliza a narrativa-chave ‘motivos políticos e econômicos’



Fonte: Grupo de Facebook ‘VACINAS: o maior CRIME da história!’, *post* 223 (2020)

Na narrativa-chave sobre ‘desenvolvimento, provisão e acesso’ foi possível encontrar *posts* relacionados principalmente aos desafios do desenvolvimento de vacinas. Nos exemplos a seguir, estão *posts* relacionados a questionamentos sobre a metodologia adotada e o prazo para desenvolvimento das vacinas.

Figura 5 – Post que utiliza a narrativa-chave ‘desenvolvimento, provisão e acesso’



Fonte: Grupo de Facebook ‘Vacinas: O lado obscuro das vacinas’, *post* 53 (2020)

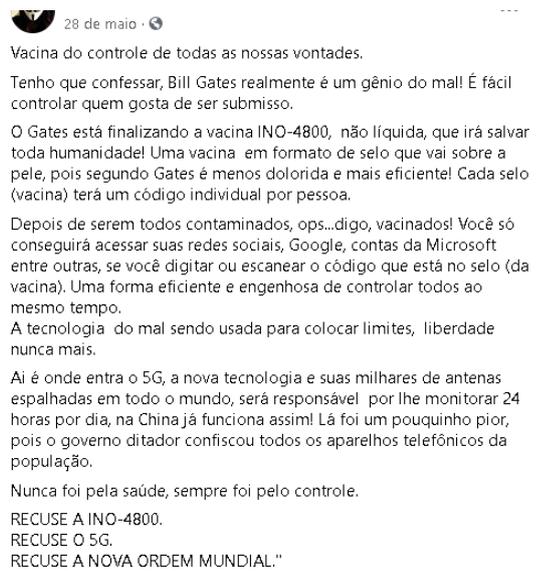
Figura 6 – Post que utiliza a narrativa-chave ‘desenvolvimento, provisão e acesso’



Fonte: Grupo de Facebook Vacinas: ‘O lado obscuro das vacinas’, post 68 (2020).

Foram também identificados posts com a narrativa-chave ‘teorias da conspiração’. São conteúdos com histórias intrincadas que os usuários compartilham nos grupos na tentativa de justificar a opção pela não vacinação e convencer os demais participantes dos grupos de que as vacinas são um complô contra a população. O primeiro exemplo de post destaca que a vacina em formato de selo adesivo aplicado sobre a pele é uma estratégia do bilionário estadunidense Bill Gates para controlar as pessoas de todo o mundo via antenas da tecnologia de internet 5G.

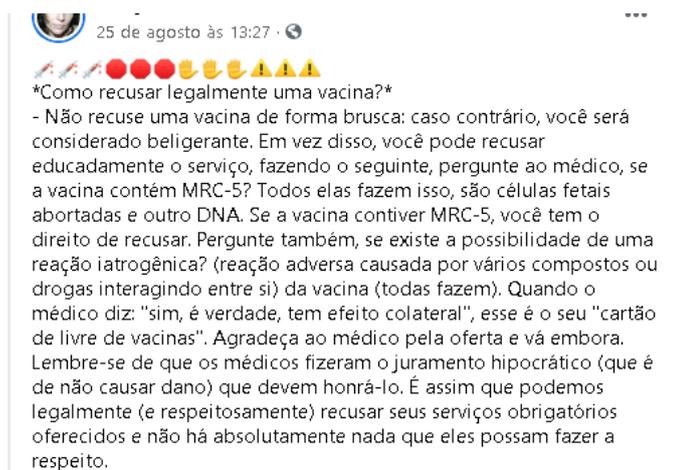
Figura 7 – Post que utiliza a narrativa-chave ‘teorias da conspiração’



Fonte: Grupo de Facebook ‘VACINAS: o maior CRIME da história!’, post 235 (2020)

Relacionados à narrativa de ‘liberdade e independência’ estão postagens que destacam que as vacinas podem afetar as liberdades civis. Os argumentos mais recorrentes têm a ver com a obrigatoriedade da vacinação, a autoridade do Estado para impor essa determinação, como fazer para burlar essa regra e a defesa de que as vacinas sejam opcionais. A seguir um exemplo de como essa narrativa se manifesta:

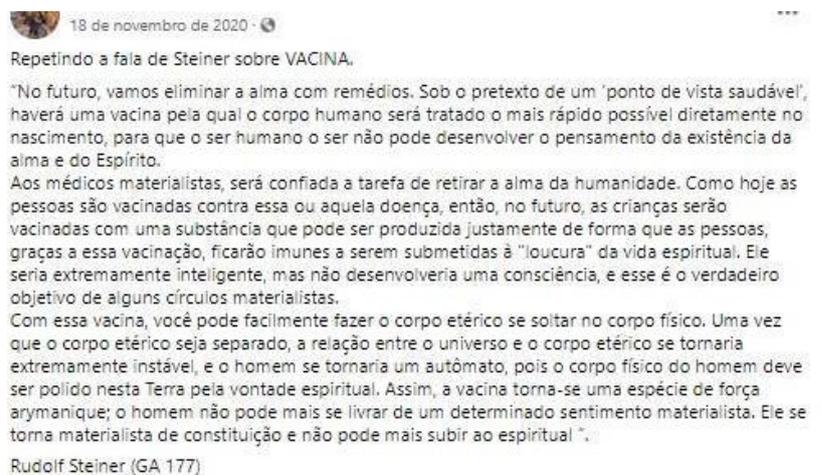
Figura 8 – *Post* que utiliza a narrativa-chave ‘liberdade e independência’



Fonte: Grupo de Facebook ‘VACINAS: o maior CRIME da história!’, *post* 245 (2020)

Por fim, na amostra analisada, não foi encontrada uma quantidade significativa de conteúdos sobre ‘moralidade e religião’. Alguns *posts* questionaram a composição das vacinas, argumentando que são constituídas por células de fetos abortados, o que pode ser considerado uma questão moral, mas a narrativa-chave que predominava na publicação em questão era ‘teorias da conspiração’. O único *post* que foi identificado nessa narrativa destaca a relação das vacinas com a alma e a espiritualidade. Na Figura 8 é possível ver como é desenvolvido o argumento.

Figura 9 – Post que utiliza a narrativa-chave ‘moralidade e religião’



Fonte: Grupo de Facebook ‘Vacinas: O lado obscuro das vacinas’, *post* 92 (2020)

Importante também destacar que alguns *posts* não se enquadraram em nenhuma das narrativas-chave e por isso foram classificados como ‘não identificado’. Em geral, eram perguntas ou textos muito curtos, que não permitiram a identificação de elementos relacionados a nenhuma das narrativas ou, ainda, *posts* que mencionaram o termo ‘vacina’, mas o assunto principal era outro. De todo modo, buscou-se entender esses *posts* a partir do contexto de negacionismo e desinformação que marcou o período de 2019 e 2020, com relação à covid-19.

O negacionismo olhado mais de perto

O processo de negacionismo em relação à covid-19 apresenta cinco características, segundo Camargo e Coeli (2020, p. 2), que citam: “[...] 1) identificação de conspirações; 2) uso de falsos experts; 3) seletividade, focalizando em artigos isolados que contrariam o consenso científico (*cherry-picking*); 4) criação de expectativas impossíveis para a pesquisa; e 5) uso de deturpações ou falácias lógicas”.

Observações de postagens dos dois grupos antivacina do Facebook evidenciam esses pontos sinalizados pelas autoras, como mostram os resultados, com destaque para a apresentação, em maior porcentagem, de narrativas relacionadas à segurança, eficácia e à necessidade das vacinas; ao desenvolvimento, provisão e acesso; e a questões políticas e econômicas. Essas três narrativas também estiveram presentes em estudos internacionais.

Estudo conduzido por Smith, Cubbon e Wardle (2020), mostra que entre os 1.200 *posts* analisados pelos pesquisadores, duas narrativas foram dominantes entre comunidades de três idiomas distintos (espanhol, francês e inglês): 1) aquelas que se referem a motivos políticos e

econômicos existentes por trás das vacinas; e 2) aquelas que se referem à segurança, eficácia e necessidade. No contexto brasileiro, a segunda narrativa, referente à segurança, eficácia e necessidade da vacina, aparece como dominante.

Resultados do estudo de Smith, Cubbon e Wardle (2020) revelam que dentre os *posts* analisados, nos diferentes idiomas, aqueles que mais se assemelham aos encontrados do Brasil, são de língua inglesa. Das 400 postagens analisadas pelos pesquisadores, 141 se referiam à ‘segurança, eficácia e necessidade das vacinas’, destacando-se das demais narrativas. Nos conteúdos em francês essa também foi a narrativa que mais apareceu, sendo contabilizada 104 vezes, mas foi seguida de perto pelas narrativas de ‘desenvolvimento, provisão e acesso’, com 99 menções e ‘motivos políticos e econômicos’, com 97 menções.

Outros estudos também mostram a influência de conteúdos de língua inglesa nas narrativas antivacina brasileiras (AVAAZ, 2019). De toda a desinformação sobre antivacinação analisada pela Avaaz (2019), grande parte do conteúdo foi produzido originalmente nos Estados Unidos e republicado por contas brasileiras. A Avaaz (2019) analisou 30 artigos e vídeos antivacina corrigidos por verificadores brasileiros e concluiu que quase metade deles ou foi traduzido literalmente ou foi traduzido com base em informações originalmente publicadas em inglês, nos Estados Unidos.

Importante também destacar a afinidade política entre o ex-presidente da República Jair Bolsonaro (2019-2022) e o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (2017-2020), ambos negacionistas, o que fomentou a desconfiança de parte da sociedade civil brasileira em relação às vacinas.

Narrativas questionando a ‘segurança, eficácia e necessidade’ da vacina, identificada na metade dos conteúdos analisados, ou seja, em 50 *posts*, que tem como destaque conteúdos sobre efeitos adversos e sequelas pós-vacina, possuem semelhança com argumentos contra vacinação levantados por outros estudos nacionais (LEVI, 2013; ZORZETTO, 2018) e internacionais (KATA, 2010; POLAND; JACOBSON, 2001). Importante observar que em todas essas pesquisas foram identificados questionamentos em relação à segurança e eficácia das vacinas e, conseqüentemente, à ciência e à medicina.

Giordani *et al.* (2021) também destacam esse aspecto ao discorrerem sobre a desinformação nas mídias digitais na pandemia de covid-19. Como desenvolvem os autores, o aumento de notícias, informações e interpretações que surgiram sobre a covid-19 se situam em duas extremidades: o polo científico e o polo negacionista, por onde também se ancora a desconfiança e questionamentos em relação às vacinas.

Harari (2019), por outro lado, ressalta que uma das bases de sustentação da ordem social moderna tem sido a crença na tecnologia e nos métodos da pesquisa científica. No entanto, os achados da pesquisa ora apresentada e de outros estudos (GIORDANI *et al.*, 2021; MASSARANI *et al.*, 2021) indicam pontos de ruptura nessas bases, alimentadas por *fake news*, negacionismo e construção de realidades paralelas sobre as vacinas, como observado no governo Bolsonaro.

Oreskes e Conway (2013) discutem sobre a produção da desconfiança como uma estratégia. Conforme apontam, existe uma estratégia por trás de manter uma controvérsia viva, espalhando dúvidas e confusão depois que um consenso científico é alcançado. Os autores dão exemplo dessa prática que foi utilizada por indústrias do cigarro e do petróleo para impedir a tomada de ações que pudessem prejudicar seus lucros. Parte dessa estratégia, analisam, consiste em unir cientistas a *think tanks* conservadoras e corporações privadas para desafiar o consenso científico em questões contemporâneas, como aquecimento global e impacto de produtos à saúde, como tabaco, alimentos e bebidas com alto teor de açúcar.

A compreensão dessas construções requer um olhar mais amplo sobre a direita política, não apenas em nosso país, mas também no mundo. Como destacado pela cientista política Elizabeth Balbachevsky. Em debate ocorrido em 24 de outubro de 2022 (CNN Brasil, 2022), a professora Balbachevsky, da Universidade de São Paulo, ao analisar a direita política em nosso país, destaca a importância de uma perspectiva mais ampla para entendê-la. Como destaca, ‘ela [a direita] não é uma direita do Brasil, é uma direita mundial; é um crescimento de um discurso de raiva e que encontra muito eco dentro da sociedade’. Este discurso, avalia a pesquisadora, estaria articulado a uma mudança social, da qual faz parte uma transformação tecnológica e, com ela, uma espécie de erosão ‘das bases tradicionais de construção de futuro’, no interior da qual as discussões sobre movimentos antivacina também se colocam.

Considerações finais

Em discussão sobre os ataques recentes à educação democrática no Brasil e no mundo, MacLaren (2021, p. 482) destaca: “A civilização enfrenta uma crise do capitalismo que parece não ter fim e que se tornou ainda mais visível pela pandemia do coronavírus, ressaltando o dobro de mortes de negros norte-americanos em relação aos brancos, latinos e asiáticos que vivem nos Estados Unidos”. Essa crise, avalia, está sendo marcada “por uma perigosa reestruturação do capitalismo global, baseada na crescente digitalização da economia e da sociedade [...]” (MACLAREN, 2021, p. 482). O autor argumenta que essa reestruturação articulada à digitalização contribuirá para o surgimento de sistemas de controle social de massa, bem como de maior repressão.

O perigo da existência desse maior controle e repressão articula-se à noção de responsabilização de si (MARTUCCELLI, 2007), do sujeito empreendedor, no contexto neoliberal. Caponi (2020, p. 217) ao discorrer sobre a covid-19, no Brasil, chama a atenção para o fato de que o neoliberalismo produz sujeitos, além de bens e serviços de consumo; um sujeito que reivindica sua liberdade para assumir riscos e arcar com as consequências, “sem dever ou pedir nada ao Estado”, como determina o neoliberalismo. A pandemia de covid-19 deixa evidente a fragilidade do modelo neoliberal de saúde regulada pelo mercado e o consequente desamparo dos indivíduos, como pode ser observado desde o início da pandemia em relação à explicitação das desigualdades sociais acirradas no país.

Pouco democrática, a pandemia da covid-19 atingiu com mais crueldade as populações mais vulneráveis e as classes mais frágeis (CAPONI, 2020), desassistidas por um governo federal que fomentou o negacionismo e as *fake news*; desvalorizou a ciência e desinformou a população. As narrativas antivacina encontradas nos dois grupos de Facebook analisados construíram-se nesse cenário de desinformação e de risco à saúde, ainda que não se restringissem às vacinas contra a covid-19, não apenas deslocaram-se da ciência como dela suspeitaram. Duas dessas narrativas se destacaram: narrativas associadas à desconfiança em relação à ‘segurança, eficácia e necessidade’ das vacinas, presente na metade dos conteúdos analisados, e narrativas relacionadas à motivos políticos e econômicos, seguidas, em igual número, de narrativas relacionadas ao desenvolvimento, provisão e acesso às vacinas e à liberdade e independência em relação à vacinação.

A prevalência dos dois primeiros grupos de narrativas acima destacados, também revela a fragilização de laços de confiança entre a população, os cientistas, as indústrias que produzem as vacinas, os profissionais de saúde que as aplicam, as instituições e os governos federal,

estaduais e municipais que fazem a sua gestão e que, paradoxalmente, no período deste estudo, foram tão atacados pelo governo de Jair Bolsonaro, em suas divagações negacionistas e construções de realidades paralelas e não científicas sobre a vacinação.

REFERÊNCIAS

ADAM, P.; HERZLICH, C. **Sociologia da doença e da medicina**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

AVAAZ. **As fake news estão nos deixando doentes?** Como a desinformação antivacinas pode estar reduzindo as taxas de cobertura vacinal no Brasil. São Paulo: AVAAZ; SBIM, 2019. Disponível em: <https://sbim.org.br/images/files/po-avaaz-relatorio-antivacina.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERLINGUER, G. **Bioética cotidiana**. Brasília, DF: UnB, 2004.

BRASIL. **Lei n. 6.259, de 30 de outubro de 1975**. Dispõe sobre a organização das ações de Vigilância Epidemiológica, sobre o Programa Nacional de Imunizações, estabelece normas relativas à notificação compulsória de doenças, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1975. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6259.htm. Acesso em: 17 out. 2023.

BUSS, P. M.; TEMPORÃO, J. G.; CARVALHEIRO, J. R. (org.). **Vacinas, soros e imunizações no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

CAMARGO, K. R.; COELI, C. M. A difícil tarefa de informar em meio a uma pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 2, p. 15-20, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/Y9rxTRzQZkvCdjTsFK6gX3f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2022.

CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 209-224, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/tz4b6kWP4sHZD7ynw9LdYYJ/?lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2023.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CNN Brasil. **Especialistas debatem sobre a atual direita brasileira**. CNN Brasil, 2022. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YiHsdquvIEs>? Acesso em: 27 out. 2022.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11. Acesso em: 05 fev. 2022.

- FIOCRUZ. Estagnação e desigualdade vacinal ameaçam os esforços de combate à Covid-19. **Portal Fiocruz**, 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estagnacao-e-desigualdade-vacinal-ameacam-os-esforcos-de-combate-covid-19>. Acesso em: 26 out. 2022.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 1996.
- GIORDANI, R. C. F. *et al.* A ciência entre a infodemia e outras narrativas da pós-verdade: desafios em tempos de pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 07, p. 2863-2872, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/MWfcvZ797BYyNSJBQTpNP8K/?lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2022.
- HARARI, Y. N. **Sapiens - Uma breve história da humanidade**. 42. ed. Porto Alegre: LP&M, 2019.
- KATA, A. A postmodern Pandora's box: Anti-vaccination misinformation on the Internet. **Vaccine**, v. 28, n. 7, p. 1709-1716, 2010. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0264410X09019264>. Acesso em: 20 set. 2020.
- KEYES, R. **The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life**. New York: St. Martin's Press, 2004.
- LAROCCA, L. M.; CARRARO, T. E. O mundo das vacinas – caminhos (des)conhecidos. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 43-50, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44884>. Acesso em: 10 out. 2022.
- LARSON, H. **Stuck: How Vaccine Rumors Start and Why They Don't Go Away**. 1. ed. Nova York: Oxford University Press, 2020.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- LEVI, G. C. **Recusa de vacinas: causas e consequências**. São Paulo: Segmento Farma, 2013.
- LUPTON, D. **Digital Sociology**. London and New York: Routledge, 2015.
- MARTUCCELLI, D. **Cambio de rumbo: La sociedad a escala del individuo**. Santiago: LOM ediciones, 2007.
- MASSARANI, L. *et al.* Narrativas sobre vacinação em tempos de fake News: uma análise de conteúdos em redes sociais. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 2, e200317, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/JwG8Jqrw8R9vWGN4MvXL7qj/?lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2022.
- MCLAREN, P. Educação democrática, volver! Os extremos sob os olhos da pedagogia da esperança. *In*: LIMA, I. R. S.; OLIVEIRA, R. C. (org.). **A demolição da construção democrática da educação no Brasil sombrio**. Porto Alegre: Zouk, 2021.

OPAS. Dez ameaças à saúde que a OMS combaterá em 2019. **OPAS**, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-1-2019-dez-ameacas-saude-que-oms-combatera-em-2019>. Acesso em: 04 fev. 2022.

ORESQUES N.; CONWAY, E. **Merchants of doubt**: how a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to climate change. New York: Bloomsbury Press, 2013.

POLAND, G.; JACOBSON, R. Understanding those who do not understand: a brief review of the anti-vaccine movement. **Vaccine**, v. 19, n. 17-19, p. 2440-2445, 2001. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264410X00004692?via%3Dihub>. Acesso em: 20 set. 2020.

RECUERO, R. **Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil**: relatório, resultados e estratégias de combate. 1. ed. Pelotas: MIDIARS - Grupo de Pesquisa em Mídia Discurso e Análise de Redes Sociais, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/05/Desinformac%CC%A7a%CC%83o-covid-midiars-2021-1.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

SBIM. Sociedade Brasileira de Imunizações. Programa Nacional de Imunizações (PNI) comemora 48 anos de sucesso. **SBIM**, 2021. Disponível em: <https://sbim.org.br/noticias/1577-programa-nacional-de-imunizacoes-pni-comemora-48-anos-de-sucesso>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SEVCENKO, N. **A Revolta da Vacina**: Mentis insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Unesp, 2018.

SILVA, I. F. A sociologia na educação básica: dos currículos democráticos aos currículos genéricos (1996-2020). In: LIMA, I. R. S.; OLIVEIRA, R. C. **A demolição da construção democrática no Brasil sombrio**. Porto Alegre: Zouk, 2021.

SMITH, R.; CUBBON, S.; WARDLE, C. Under the surface: Covid-19 vaccine narratives, misinformation & data deficits on social media. **First Draft**, 2020. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/vaccinenarratives-report-summary-november-2020>. Acesso em: 20 nov. 2020.

UNICEF. **Fundo das Nações Unidas para a Infância**. 3 em cada 10 crianças no Brasil não receberam vacinas que salvam vidas, alerta UNICEF. Brasília, DF: UNICEF, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/3-em-cada-10-criancas-no-brasil-nao-receberam-vacinas-que-salvam-vidas>. Acesso em: 14 mar. 2023.

ZANATTA, E. T. *et al.* Fake news: the impact of the internet on population health. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 67, n. 7, p. 926-930, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/KwCzQCqPkYwdKHYgkzrXPtb/?lang=en>. Acesso em: 05 fev. 2022.

ZORZETTO, R. As razões da queda na vacinação. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, v. 19, n. 270, p. 19-24, 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-razoes-da-queda-na-vacinacao/>. Acesso em: 10 out. 2022.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Como é um trabalho documental, com dados públicos, não foi necessário submeter a comitê de ética.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis nos links indicados no artigo.

Contribuições dos autores: Tainá de Almeida COSTA: coleta e análise de dados; redação e revisão do artigo. Eunice Almeida da SILVA: análise de dados; redação e revisão do artigo. Régia Cristina OLIVEIRA: análise de dados; redação e revisão do artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

